

## ESCOLHENDO MARY

Dan Taylor

Quando eu estava na sexta série, era um típico garoto norte-americano. Tinha porte atlético, era esperto, espirituoso, bonito e incrivelmente simpático. A situação foi de mal a pior nas séries seguintes, mas pelo menos naquele ano eu me senti o máximo.

Bem, é claro que eu também tinha a Srta. Owens como professora-assistente... Ela ajudava o Sr. Jenkins, nosso professor titular. Ela sabia que eu era esperto e incrivelmente simpático, mas sempre deixava claro que havia um ou dois pontos nos quais eu podia melhorar...

Uma das coisas que todos esperavam que a gente fizesse na escola era aprender a dançar. A princípio, meus pais demonstraram certa reserva, mas como se tratava de dançar quadrilha, eles concordaram.

Todas as vezes que nos preparávamos para dançar, tínhamos de fazer uma coisa detestável. Os meninos alinhavam-se na porta da classe. Em seguida, cada um se apresentava e escolhia uma menina para ser seu par. As garotas ficavam sentadas nas carteiras. Assim que eram escolhidas, elas se levantavam e ficavam ao lado dos garotos empertigados que concederam a honra de escolhê-las.

Pode acreditar em mim, os meninos não gostavam nem um pouquinho dessa história - pelo menos eu não. Mas imagine só ser uma daquelas meninas ali, aguardando para ser escolhida. Imagine ver quem foi escolhida antes. Imagine ficar preocupada por ser escolhida por alguém que não suporta. Imagine ficar preocupada por não ter sido escolhida!

Imagine se você fosse Mary. Mary sentava-se na fileira da frente da classe, do lado direito. Ela não era bonita. Não era esperta. Não era espirituosa. Era simpática, mas, naquela época, simpatia não bastava. E Mary não tinha exatamente um porte físico vigoroso. A verdade é que ela contraiu poliomielite, ou coisa parecida, quando era pequena; um de seus braços era repuxado, e ela arrastava uma perna. E, para terminar, ela era uma garota totalmente inexpressiva.

É aqui que a Srta. Owens entra em cena. Um dia, a Srta. Owens chamou-me de lado e disse:

- Dan, na próxima vez que os alunos dançarem quadrilha, quero que você escolha Mary.

Bem, foi o mesmo que alguém me pedir para voar até Marte. A idéia era tão inusitada e inconcebível que eu mal consegui assimilá-la. Você pode imaginar ter de escolher a garota mais feia e mais sem graça, quando chegasse a minha vez? Para mim, aquilo parecia contrário à natureza ou coisa parecida.

Então, para completar, a Srta. Owens ainda disse algo detestável. Ela falou que era assim que um cristão deveria agir. Naquele momento, eu me senti como um condenado, porque sabia que ela estava certa. Era exatamente assim que Jesus agiria. Fiquei surpreso por nunca ter visto esses dizeres no flanelógrafo da Escola Dominical: "Jesus escolheu uma garota manca para a dança do Yeshiva". Isso devia constar em algum lugar da Bíblia...

Eu estava agoniado. Escolher Mary seria o mesmo que ir contra todo aquele meu jeito de ser distante que eu desenvolvera ao longo do tempo.

Finalmente, chegou o dia em que voltaríamos a dançar quadrilha. Se Deus me ama de verdade, pensei, vai me deixar por último. Assim, quando eu escolher Mary, ninguém vai ficar surpreso. Todos vão achar que fiz a coisa certa, e isso não vai me custar nada.

Imagine em que lugar eu fiquei. Por um motivo qualquer, o Sr. Jenkins me escalou para ser o primeiro da fila. Lá estava eu, com o coração aos pulos - agora eu sabia como aquelas garotas se sentiam.

Elas olharam para mim, algumas sorriram. Olhei para Mary e vi que ela estava com o corpo meio virado em direção ao fundo da classe, com a cabeça baixa, olhando para a carteira. O Sr. Jenkins disse:

– Muito bem, Dan, escolha seu par.

Lembro-me do que senti naquele momento. A sensação era a de que eu estava muito longe dali. Ouvi minha voz dizer:

– Eu escolho Mary.

Nunca uma virtude relutante foi tão bem recompensada. Lembro-me até hoje da expressão de seu rosto. Ela levantou a cabeça, com as faces coradas de satisfação, surpresa e cheia de timidez, tudo ao mesmo tempo. Foi a expressão mais sincera de alegria, e até mesmo de orgulho, que já vi na vida. Era uma expressão tão pura que fui forçado a desviar o olhar por saber que não merecia aquilo.

Mary aproximou-se de mim e segurou meu braço, conforme havíamos sido instruídos, e caminhou a meu lado como se fosse uma princesa, apesar de arrastar uma perna.

Mary tem a minha idade. Nunca mais a vi depois daquele ano. Não sei como tem sido sua vida ou se ela está bem. Mas eu gosto de pensar que ela guarda uma boa recordação daquele último dia de aula na sexta série. Eu, com certeza, sim.